

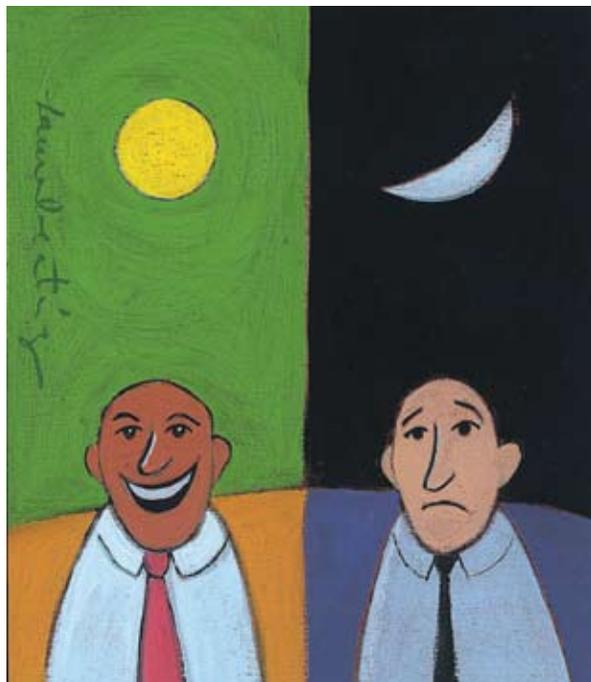
**A fama dos brasileiros** de viver de bem com a vida pode ter fundamento biológico. Isso se for confirmada a influência genética na tendência ao otimismo detectada num experimento feito na Inglaterra. Nesse estudo, ao olhar imagens positivas e negativas, os voluntários com determinada versão de um gene apresentaram tendência a contemplar as primeiras e evitar as segundas. O resultado chamou a atenção do neuropsiquiatra João Ricardo de Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco, e da geneticista Mayana Zatz, da Universidade de São Paulo. Usando um banco de dados de

que já dispunham, eles compararam a frequência desse gene entre brasileiros e ingleses e viram que ele é 2,5 vezes mais comum aqui do que na Inglaterra, conforme relatam em artigo a ser publicado em breve na *Molecular Psychiatry*. O gene em questão está ligado ao neurotransmissor serotonina, que tem função importante em regular as emoções. Os pesquisadores esperam que mais estudos aprofundem a compreensão das bases biológicas do otimismo. Talvez esteja aí a explicação para o Brasil ser o país do Carnaval e do futuro.

### > Galerias desabitadas

Passar por uma toca de tatu é tarefa impossível para uma pessoa adulta. Não para o paleontólogo Francisco Buchmann, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em São Vicente. Ele descobriu mais de 60 túneis escavados por tatus-gigantes, extintos há cerca de 10 mil anos, como relatou em maio na

## O PAÍS DO OTIMISMO



LAURABEATRIZ

XXIV Jornada Argentina de Paleontologia de Vertebrados. Outros pesquisadores já haviam encontrado paleotocas, mas as de Buchmann são as primeiras que não foram preenchidas por sedimentos. O diâmetro de até 2 metros dessas tocas, a maior parte delas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, permite que o pesquisador busque indícios da vida desses animais sem ter de rastejar.

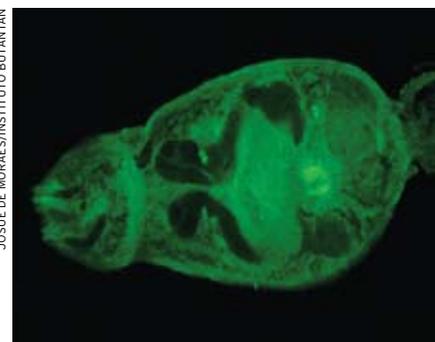
Ali há marcas deixadas pela carapaça e pelas garras dos tatus, às vezes até com impressão dos pelos, que Buchmann copia com moldes de silicone para comparar a fósseis em museus. Ele acredita que os tatus-gigantes cavavam tocas perto de rios, com entrada de um lado do morro e saída do outro, em pontos altos para evitar inundações (*Portal da Unesp*).

### > Caramujos na Grande São Paulo

Não é só nos rincões mais distantes e pobres do Brasil que podemos contrair esquistossomose, doença causada pelo verme *Schistosoma mansoni* e transmitida por caramujos.

Josué de Moraes, do Instituto Butantan e da Universidade de São Paulo (USP), encontrou 909 caramujos *Biomphalaria tenagophila*, uma das espécies que podem transmitir o *S. mansoni*, em córregos e poças de duas vilas de Guarulhos, cidade vizinha a São Paulo ao lado da rodovia Presidente Dutra, a de maior circulação de veículos do Brasil. De acordo com esse trabalho, publicado na edição de março-abril da *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, um em cada cinco caramujos coletados (20% do total ou, em números absolutos, 183) carregava pelo menos um dos quatro tipos de vermes identificados que podem infectar o ser humano: o *Cercaria lutzi* e o *Schistosoma mansoni* foram os mais comuns (76,5% e 13,1%). Anfíbios, ratos e aves que entram em contato com a água em que os caramujos vivem podem facilitar a dispersão desses vermes, concluíram os pesquisadores.

JOSUÉ DE MORAES/INSTITUTO BUTANTAN



Detalhe: forma larval de *Schistosoma mansoni*



Na praia: pinguins podem carregar vírus

## DE CARONA COM AVES

Um em cada dez pinguins que às vezes chegam ao litoral brasileiro carrega o vírus *influenza* tipo A, a que pertence o da gripe suína, mas de baixa letalidade. De 2% a 3% dos marrecos, maçaricos e patos, que no final de todo ano fogem do inverno do hemisfério Norte e lotam as ilhas do litoral brasileiro até meados do ano, também portam o vírus da *influenza* quando voltam. "São aves saudias, que não adoecem por causa do vírus que carregam", diz Edison Durigon, pesquisador

### > Na terra do sol

Plantas da Caatinga não sofrem os distúrbios causados por desmatamento conhecidos como efeitos de borda. André de Melo Santos, da Universidade Federal de Pernambuco, e Bráulio Almeida Santos, da Universidad Nacional Autónoma de México, compararam o tamanho, a densidade e as espécies de arbustos adultos entre zonas na borda e no interior de um trecho de Caatinga no planalto de Borborema na Paraíba. Não encontraram diferenças. Em florestas fechadas o interior da mata é muito diferente da borda em termos de umidade e incidência de luz. Já na Caatinga a luz do sol passa à vontade por entre os galhos dos arbustos espinhudos, os cactos e as bromélias. E a (pouca) água disponível não varia. O resultado ajuda a orientar a preservação do ecossistema: na Caatinga corredores

estreitos já podem manter o trânsito de espécies animais e vegetais entre trechos separados por desmatamento (*Acta Botanica Brasílica*).

### > Em casa, ou fora?

Homens que comem fora de casa podem ganhar peso, mas mulheres não. É o que mostra o estudo feito por Ilana Bezerra e Rosely Sichieri, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,

que avaliou os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE (2002-2003), com 56.178 pessoas com idades entre 25 e 65 anos (*Public Health Nutrition*). Incluindo refrigerantes, lanches e refeições à mesa, homens comem fora com mais frequência do que mulheres, mas entre eles essa prática está associada a excesso de peso. Os resultados sugerem que quando comem fora as mulheres fazem escolhas mais saudáveis do que os homens.



Caatinga: muita luz chega ao solo

FERNANDO ROSAS

do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (USP), que coordena um programa nacional de monitoramento de vírus em aves silvestres. As conclusões, que resultam de análises de sangue e fezes, podem alertar sobre o risco de vírus mais perigosos chegarem às pessoas, gerando epidemias como a da gripe suína ou a da gripe aviária, que começou na China e recentemente causou a morte de 200 pessoas no Egito. Os resultados da equipe da USP mostraram que as aves migratórias não se infectam aqui, como suspeitavam pesquisadores de outros países. "Elas já chegam infectadas", afirma Durigon. Mesmo com o reforço de outros dois grupos, a equipe da USP consegue analisar apenas cerca de mil aves por ano, capturadas na Amazônia, em Recife, em Santa Catarina e na Antártida. "Nos Estados Unidos, 35 laboratórios estaduais e universidades fazem testes para *influenza* em 50 mil a 70 mil aves migratórias por ano."